

IMPERIALISMO E GLOBALIZAÇÃO

PAULO G. FAGUNDES VIZENTINI*

As relações internacionais, com o final da guerra fria, atravessam uma etapa de crise e transformação profundas. Em essência, trata-se do esgotamento do sistema internacional calcado na *pax americana* e o início de um processo de articulação de uma nova ordem mundial, ainda em fase de desordem. Estamos presenciando não apenas a substituição de potências hegemônicas, mas principalmente a reformulação dos mecanismos de dominação no plano internacional, tornando-se, portanto, extremamente urgente repensar a política mundial e seus fundamentos teóricos.

Nesse sentido, é preciso situar o próprio significado da “globalização”, expressão que se tornou corrente nos últimos anos. O processo de globalização enquanto tal, vem ocorrendo há cinco séculos, desde a expansão comercial européia, configurando gradativamente a articulação do que Braudel denominou de economia-mundo. Ou seja, trata-se de um fenômeno inerente à história do capitalismo. Mas o que hoje vulgarmente denomina-se globalização constitui a etapa presente desse fenômeno, parte integrante da Revolução Técnico-Científica (RTC), ou Terceira Revolução Industrial.

Desde os anos 70 vem se processando, num quadro de crise, a reconversão da economia capitalista mundial, fenômeno este que potenciou qualitativamente o movimento que conduziu ao colapso do campo soviético. O desaparecimento da URSS e de sua rede de alianças foi apressadamente considerado como evidência da vitória dos EUA na guerra fria. Na verdade, o fim da bipolaridade deu início a uma fase de incertezas e de perda de muitos parâmetros da ordem internacional, em meio à aceleração do processo de globalização. Qual o caráter desta nova fase e, dentro dela, do imperialismo?

Nossa hipótese é de que a história contemporânea tem sido marcada pela sucessão de sistemas internacionais intercalados por fases de transição e

* Professor de Relações Internacionais e História Contemporânea no IFCH da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

configuração de novas hegemonias. Estas hegemonias, por sua vez, encontram-se apoiadas nos paradigmas econômicos, sociais e tecnológicos de cada modelo de produção e acumulação. Assim, de 1776 a 1890 a *pax britânica* estaria embasada no liberalismo e na Primeira Revolução Industrial. Mas o advento da Segunda Revolução Industrial, desde os anos 1870, bem como de novos países competidores e do paradigma fordista levam ao desgaste da hegemonia inglesa, abrindo-se a partir de 1890 uma fase de crise e transição, marcada pelo acirramento do imperialismo, por duas guerras mundiais, por uma grande depressão de caráter planetário e pela emergência do fascismo.

É no quadro de superação da grande crise e da Segunda Guerra Mundial que o fordismo foi condicionado pelo keynesianismo, passando então a dar suporte a uma ordem internacional estável, hegemonizada pelos EUA: a guerra fria foi uma *pax americana*. Foi este novo contexto econômico que possibilitou a internacionalização comercial e financeira sob a égide dos Estados Unidos. Entretanto, desde os anos 1970, com a articulação da Terceira Revolução Industrial e seu paradigma tecnológico e científico, inicia-se o processo de desgaste da hegemonia norte-americana.

A Revolução Técnico-Científica configura-se, então, como uma resposta global do sistema capitalista à crise do modelo de acumulação, gerando, entre outros elementos, um novo e intenso ciclo de globalização econômica. Fato interessante, esta globalização da produção, das finanças e intensificação do comércio internacional não se encontra associada ao multilateralismo (redução no nível global das barreiras ao fluxo de bens e serviços entre as nações). Pelo contrário, o multilateralismo vem conhecendo, paralelamente, um retraimento, devido ao avanço das novas formas de protecionismo não-tarifário e arranjos preferenciais. Dentro da estratégia das corporações transnacionais, esses arranjos preferenciais, bem como a alocação das unidades produtivas (tendo em vista o aumento da capacidade competitiva), fomentaram um movimento de regionalização, isto é, a formação de blocos econômicos regionais, como a União Européia e o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA). Além desses processos de integração regional institucionalizados formalmente, há que acrescentar justamente a área mais dinâmica da economia internacional, a Ásia oriental (Japão, China e os "Tigres").

Para se ter uma idéia da importância desse fenômeno, é preciso levar em consideração o fato de que dois terços dos investimentos diretos e a maior parte do comércio internacional ocorrem entre essas regiões. Nesse novo quadro internacional, é preciso formular uma questão crucial: qual o impacto desta realidade macroeconômica sobre os países periféricos e o que se deve entender por "imperialismo" neste contexto?

É preciso reconhecer, com respeito a esta problemática, que o capitalismo demonstrou uma notável capacidade de transformação. A dialética do imperia-

lismo ensejou novos tipos de contradição. Anteriormente, as forças políticas de esquerda denunciavam o imperialismo por seu avanço sobre os recursos naturais, estrutura produtiva e força de trabalho das nações periféricas do sistema internacional. Contudo, a nova realidade criada pela RTC e pelo processo de globalização conduziu à marginalização de regiões inteiras do Terceiro Mundo. A existência de uma ampla força de trabalho mal-remunerada, de abundantes recursos naturais e mesmo de determinados setores agrícolas ou industriais simplesmente deixou de ser atrativa, em si mesma, ao capital internacional. A globalização é responsável pela marginalização relativa de regiões inteiras do planeta, como por exemplo ocorre com vastas áreas da América Latina, da África subsaariana e da Ásia meridional e ocidental.

Nessas regiões, mesmo governos progressistas tiveram que aceitar ajustes socioeconômicos brutais, demandados pelo FMI e pelo Banco Mundial, para lograr deter o processo de marginalização, e voltar a inserir-se no circuito internacional. Países que não tiveram condições de promover tais ajustes, por sua vez, têm conhecido a estagnação ou regressão pura e simples. Casos de “sucesso”, como o do Chile, nos revelam um perfil de inserção econômica internacional estável, mas dentro de contornos estruturalmente inferiores ao da fase em que estas economias eram consideradas “problema”. A industrialização por substituição de importações, nestes casos, deu lugar à exportação primária (matérias-primas e produtos agrícolas) e à importação de bens manufaturados, ou seja, a típica estrutura da antiga divisão internacional do trabalho.

O que é mais irônico, entretanto, é que a esquerda hoje se vê na contingência política de ter de denunciar o imperialismo “pelo abandono e falta de interesse no Terceiro Mundo” (*sic!*). Ou seja, freqüentemente critica-se o imperialismo pela sua ausência, o que vem a ser historicamente inédito! Mais interessante ainda é que mesmo países de industrialização “clássica”, como a Grã-Bretanha, praticam hoje o chamado *dumping* social, buscando adequar-se aos novos moldes da economia internacional.

Outra faceta peculiar do imperialismo da era da globalização é a pressão para a reestruturação de determinadas regiões estratégicas, como forma de viabilizar uma inserção menos onerosa na economia mundial, como é o caso da África austral e do Oriente Médio. Ambas regiões estratégicas e economicamente importantes (minerais e petróleo, respectivamente) consumiam enormes recursos em guerras externas e repressão interna. Com o fim da guerra fria, os próprios Estados Unidos pressionaram os governos de Pretória e Jerusalém para que negociassem processos de paz regional. Veio o fim do *apartheid*, a eleição de Mandela e a distensão regional, bem como o acordo de paz Israel-OLP, a formação da autoridade nacional palestina e o início do reconhecimento diplomático do Estado judeu pelos vizinhos. Obviamente, não se trata de coincidência.

Todas essas questões demonstram o novo perfil multifacético e, às vezes, insólito do imperialismo na fase da globalização. Todavia, nem todas as novas características desta nova (des)ordem mundial apontam na mesma direção. O desaparecimento do campo soviético propiciou a intensificação da concorrência entre os pólos dominantes do capitalismo internacional, liberando ainda mais o dinamismo das forças econômicas da revolução tecnológica. Isso tem conduzido ao aprofundamento das desigualdades e problemas sociais, que adquirem perfis semelhantes em todo o mundo. Ou seja, as contradições sociais agravaram-se e universalizaram-se. Fred Halliday fala em luta de classes em escala internacional.

Efetivamente, existe hoje um tremendo potencial mobilizador. Mas, como as forças de esquerda ainda não se recuperaram no plano político e teórico de sua derrota dos anos 80, boa parte desse potencial tem sido absorvido por outros fenômenos “disfuncionais” contemporâneos, tais como os fundamentalismos, o racismo, os nacionalismos étnicos, a extrema-direita, e a criminalidade, para citar apenas alguns. É neste contexto que florescem os separatismos e os conflitos regionais desestrategizados, aparentemente insanos.

O fim do Sistema de Versalhes-Yalta encerra, enfim, a hegemonia norte-americana, abrindo uma era de transição que, talvez, dure ainda duas décadas. Num quadro de intenso processo de globalização, perfila-se um cenário internacional carregado de tensões, semelhante ao que precedeu a Primeira Guerra Mundial. Entretanto, provavelmente não venhamos a conhecer a hegemonia imperialista de uma potência sucessora dos EUA (o público gosta de perguntar-se: Alemanha ou Japão?). Justamente pelas estruturas que estão sendo criadas pelo processo de globalização, é de se supor que, no mínimo, teremos a hegemonia de uma região ou bloco. Ou, talvez, alguma nova forma de concertação internacional supranacional, superando em grande parte o imperialismo apoiado no Estado-nação (gerida pela ONU?).

O que, muito provavelmente, decidirá os rumos deste processo será a luta pela socialização positiva dos frutos materiais da globalização calcada na revolução tecnológica. É preciso orientar socialmente estes processos, pois sua “lógica” intrínseca carrega perigosos elementos de autodestruição. Tanto mais urgente porque a humanidade encontra-se numa crise de civilização. Enfim, o sucesso do imperialismo na sua “fase superior” neoliberal, tecnológica e globalizada, abre inclusive novos espaços políticos, num quadro de descongelamento e aceleração do processo histórico mundial. O difícil tem sido identificar e utilizar estes espaços.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Imperialismo e globalização. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.149-152.

Palavras-chave: Globalização; Imperialismo; Revolução Tecnológica.